

2 – FAMÍLIA E ESCOLA

(CONFERÊNCIA PEDAGÓGICA NO LICEU NORMAL DE PEDRO NUNES)²⁹

Ex.^{mo} Snr. Reitor;
Ex.^{mos} Snrs. Professores;
Ex.^{mos} Colegas,

Quis a sorte que fosse eu, um novo nesta casa, quem relatasse a primeira conferência pedagógica deste ano letivo. Que V.^{as} Ex.^{as} não tiveram sorte nenhuma será coisa bem patente quando chegar às últimas palavras e coisa já mais ou menos suspeita, e com verdade, por estas que V.^{as} Ex.^{as} começaram a ouvir.

Porém, devo afirmar antecipadamente que não me cabe disso toda a responsabilidade. O problema hoje posto à discussão é extremamente complexo e até delicado. Os dois conceitos que o constituem pertencem a regiões diferentes e o seu grau de evolução é também diverso, o que impossibilita a situação no mesmo plano destas duas realidades: a família e a escola. O primeiro, porém – a família – é não só complexo mas também confuso. Na circular aos pais dos alunos admira-se o Snr. Reitor que, havendo «*identidade de*

²⁹ - O título original para a conferência, tal como foi registado no *Boletim do Liceu Normal*, era 'A Família e a Escola'.

intuitos e de interesses» entre a família e a escola, se mantenha ainda o divórcio entre elas. Na minha opinião, e talvez também na opinião de todos nós, o divórcio mantém-se, não apesar da identidade mas sim porque não há identidade nem mesmo semelhança ou consequência de interesses. A identidade é apenas aparente. A escola é uma tendência para a unidade e é mais ou menos claro o conceito que a exprime. Não já o mesmo com a família; não há nela unidade, mas pluralidade – e muitas vezes mais do que pluralidade. – Poder-se-ia mesmo dizer que não há família, mas famílias todas diferentes e com diferentes fundamentos da sua constituição.

Porém, suponhamos ainda que, apesar desta diversidade, existia uma unidade de pontos de vista quanto ao que todas elas exigem da Escola para os seus filhos. Haverá identidade desta exigência com a finalidade da Escola? Todos nós sabemos que não há, ou que só aparentemente tal coisa parece existir. Sabe-o o Snr. Reitor muito melhor do que eu, ~~mas V. Ex.^a sabe também da inconveniência de revelar estas verdades aos pais dos alunos.~~

E se é verdade que ambas pretendem o maior rendimento dos estudos, também é verdade que sob esta aparente concordância há talvez diversidade de intuitos. A família pretende maior rendimento dos estudos para os seus filhos, mas entende por isso que aos seus filhos sejam fornecidos pela Escola instrumentos de conquista, de luta e possivelmente de vitória. O que mais importa é triunfar na vida e como as famílias pagam à Escola esta terá [de] subordinar-se aos seus interesses. À família nada mais importa senão isto. ~~Os interesses da família não nos interessam nada. A família mesmo não tem capacidade de orientação dos seus descendentes. Só a personalidade forte a tem...~~ Nem as possibilidades dos filhos, nem as suas tendências – por vezes bem evidentes – podem contar para alguma coisa. [Conta somente a] subordinação aos interesses tradicionais ou à vã glória de possuir em casa um doutor.

A Escola, todos nós sabemos que não pode nem deve ser nada disto. Procura obter também o maior rendimento dos estudos, não como instrumento de domínio sobre os outros mas como afirmação de solidariedade com todos. Mais do que fazer do aluno um indivíduo que mantenha as tradições familiares ou possua um grau académico para gáudio dos amigos e conhecidos – e quantas vezes,

só para isso – interessa-lhe contribuir para a formação da personalidade de todos os que lhes forem entregues, fazendo deles aquilo que podem ser e apenas isto – *que é o máximo*.

Ambas pretendem a educação dos filhos ou dos alunos. Mas educação quer dizer coisas muito diversas. Numa significa preparação para a vitória, noutra preparação para servir. O acordo só começaria sendo possível se a família fosse uma escola de trabalho disciplinado e sério ao serviço da comunidade e se a escola fosse ao mesmo tempo uma família onde, sobretudo, se cultivassem as grandes virtudes sociais de cooperação e solidariedade, pondo à prova as capacidades de iniciativa e serviço.³⁰ É certo que nem uma nem outra são nada que se pareça com isto. Mas já alguma coisa se fez na Escola e muito talvez se venha a fazer. E na Família? É muito mais difícil. Só a escola, neste capítulo, poderá orientar a família no respeito pela criança, impedindo a mutilação do mais importante.

Mas nem todas as famílias têm contacto com a Escola e o problema fica em aberto à espera duma reforma da vida social. Há mesmo radicalmente uma impossibilidade de acordo porque ambas têm uma mesma direção de evolução com sentidos opostos. A Escola é progressão, crescimento dinâmico e criador; a família, pelo menos a maior parte das famílias, é regressão, estabilização. A Escola é um apelo ansioso ao Futuro, a família um apelo saudoso ao Passado. Daqui um desacordo radical em que a Escola, mais do que mediadora, importaria que fosse fundadora da família em novas bases jurídicas e novos fundamentos afetivos. A complexidade do problema aumenta porque duas concepções políticas opostas se apoderam dele: uma fortalecendo a família, outra anulando-a.

Antes de continuar, caberia responder à pergunta:

³⁰ - Variante no manuscrito:

[...] espírito de trabalho em que a família seja [um]a escola através das suas altas virtudes sociais e a escola seja uma família de trabalhadores pondo à prova as suas capacidades de iniciativa e de serviço. Solidariedade.

Pela família ou contra a família?

A nossa fórmula será: pela família, contra a família. Pela família com base afetiva e espiritual séria e profunda; contra a família quando, como nos nossos dias, ela for uma escola de egoísmo com uma base contratual de compra e venda mais ou menos encoberta por um falso e bolorento aspeto de espiritualismo. Só então, quando ela deixar de ser o que hoje é, se tornará o problema preciso e correto. Então desaparecerá o já célebre e mesmo ridículo conflito entre a família e o indivíduo que fundamenta as já referidas atitudes políticas opostas. O indivíduo deixará de ser uma unidade independente e autónoma no plano social – como se pretende utopicamente, desconhecendo a própria essência da humanidade que o constitui – para se tornar uma pessoa livre e consciente dos seus deveres de solidariedade para com os outros. E assim a família será o meio necessário para a explicitação de todas as possibilidades e para a livre expansão da personalidade de cada um dos seus constituintes, quando a sua unidade tiver uma base moral e afetiva e não, como agora, uma base material que tantas vezes se transforma em jardim de suplícios para aqueles que, sem culpa nenhuma, dela vêm a fazer parte.

A plena compreensão deste problema ultrapassa, portanto, quanto a nós, o plano pedagógico em que geralmente nos colocamos e pressupõe na sua discussão uma teoria geral da vida em sociedade. Problema pedagógico e problema político, mas como a Política, no seu mais alto e profundo sentido, é Pedagogia, isto é, *demopedia*³¹ no dizer de Proudhon,³² podemos identificá-los dizendo que a Política é uma pedagogia para todos ou um alargamento em extensão daquilo que sob o aspeto restrito é considerado como pedagogia. Esta

³¹ - «É claro que ser pedagogo no sentido autêntico – *demopedismo* –, isso continuará a interessar-nos, mas a confusão com a detestável e ridícula *burrocratização* é que é impossível de tolerar», Delfim SANTOS (1935) Carta a José Marinho, 12.05, (1998) *Obras completas*, IV – *Correspondência*, 88.

³² - «*Démocratie pour moi signifie Démopédie, éducation du peuple*», P.-J. PROUDHON (1875) *Correspondance de ...*, tome quatrième, Paris: Lacroix et C.^e, 217.

identificação é mesmo um dos aspetos que melhor definem a democracia.

Não pretendemos apresentar aqui uma solução definitiva deste problema. Enquanto os seus dados forem os atuais parece-nos mesmo insolúvel. Seguindo o sumário indicado, preferimos apresentar um esboço, ainda que frágil e impreciso, dos direitos e dos deveres da educação da família e das suas relações com a Escola na sua progressão lógica, sem nos preocuparmos com os aspetos históricos do seu desenvolvimento, trabalho demasiado demorado e pouco menos que inútil.

A oposição entre a família e a escola é uma consequência recente de algumas ideias pedagógicas e políticas

A oposição entre a escola e a família é um problema recente, só nos últimos tempos posto com acuidade e precisão. A princípio estes dois conceitos: escola e família, só aparentemente eram diferentes e nunca opostos. A instituição da família, que dificilmente nós hoje podemos definir dada a heterogeneidade de aspeto que apresenta e a multiplicidade de interesses que a origina, implicava, como um dos seus principais deveres, a educação dos filhos ou preparação para a *comunidade restrita* que a princípio começou por ser. Com o alargamento desta primitiva comunidade e com a necessária especialização de funções que tal alargamento requeria, criou-se uma nova instituição dependente da primeira, chamada Escola, tendente a dar a alguns os instrumentos necessários para mais competentemente realizarem as funções que nessa comunidade a cada um cabia. Não é possível, portanto, nesta fase, descortinar qualquer germe de oposição entre estas duas realidades: uma fundamental – a família; e outra, acessória – a escola. A Família era uma instituição que, neste capítulo, pretendia absolutamente o mesmo que a Escola; ou melhor, a Escola só pretendia o que a Família pretendia e aquela só aliena parcialmente a função educativa porque a complexidade da vida social e a extensão do círculo comunitário obrigavam a uma divisão de trabalho e a uma especialização funcional para [as quais] a família se julgaria incompetente. A Escola aparece-nos, pois, como um prolongamento

da família à qual esta confere o direito de fazer da criança aquilo que antecipadamente a família determinou como ideal. A velha escola foi mais ou menos isto: ao serviço da família e para a família *criar o homem útil à família* e o professor nada mais do que um *instrumento ao serviço* da família.

Mas a vida é expansão e alargamento de horizontes e aprofundamento de ideais. A primitiva comunidade chamou a si outras comunidades e por um fenómeno de osmose bastante conhecido em sociologia, após uma diluição de interesses sobreveio uma necessidade de adaptação aos quadros alargados da nova vida social.

Ao homem foi exigido um novo esforço; uma nova atualização das suas possibilidades. Despertou a consciência dos seus deveres sociais ainda restritos ao agrupamento em que nasceu e aos seus antecessores que tinham a mesma língua e as mesmas tradições: a escola atinge um ponto de equilíbrio. A subordinação da escola à família desapareceu. Tornou-se autónoma e os seus interesses, sendo superiores aos da família, eram equilibrados por ideais que a família admitia e a escola espalhava.

A Escola e a Família passam a ser duas realidades independentes mas concordantes num equilíbrio estável. Visam ambas a Nação, a vida nacional e o patriotismo é o seu veículo, *criam o homem útil à nação*.

Esta fase em que o egoísmo primitivo foi diluído em extensão é aquela que mais durou e perdurou. O seu equilíbrio aparente era para muitos real. A nação e a família são duas realidades dirigidas no mesmo sentido. O professor ao serviço da nação terá sempre possibilidade de pôr a família de acordo com a escola. Tem para isso o apelo aos superiores interesses da Pátria e como veículo o patriotismo.

Mas a comunidade nacional é ainda um estádio; do mesmo modo que da família se chegou à nação sem aquela ter desaparecido, antes assim melhor delimitou a sua finalidade, assim também da nação se atingirá a humanidade sem com isto a consciência nacional ter de desaparecer. Uma melhor consciência da família e da nação acompanhou este progresso. Mas o ideal de humanidade está longe do ideal de família. São pontos de partida e pontos de chegada bastante longínquos. Por isso a Escola, adaptando-se à nova

comunidade, elevou a sua finalidade educativa. Já não se trata de criar o homem útil à família, nem o homem útil à nação, mas sim *o homem útil à humanidade*.

E como os interesses da humanidade exigem uma capacidade de altruísmo e generosidade antípoda das exigências egoístas e mesquinhas da educação familiar, o inevitável teria de dar-se: a escola e a família opõem-se em seus interesses. A comunidade total não pode depender dos interesses restritos da comunidade inicial. Necessário se torna que os ideais superiores e profundos da humanidade modelem a nova estrutura social de cidadãos do mundo. E essa modelação e orientação cabe à Escola. Chegou agora a hora da Escola pôr ao seu serviço a família. É esta que tem de adaptar-se às novas circunstâncias de vida, que tem de abandonar o seu egoísmo primário, a sua luta mesquinha pelos interesses materiais e o seu desprezo por tudo quanto com eles colida.

É nesta hora que nós estamos. Pedagogos e futuros pedagogos, aqui nos reunimos para refletir sobre a melhor maneira de transferir os interesses concorrentes entre a Escola e a Família em interesses de solidariedade, de cooperação, de ação conjunta e dirigida para a mesma finalidade.

Coube-nos a nós, por pouca sorte, sermos o relator desta palestra. Não o fizemos com a convicção de resolvermos o problema. Resolver problemas não tem sentido nenhum. O que importa é relacioná-los, integrá-los no conjunto a que naturalmente pertencem. Foi o que pretendemos e como estamos mais convencidos do valor da discussão duma opinião errada do que da apresentação definitiva duma opinião certa, preferimos traçar os momentos fundamentais das relações entre a Família e a Escola a falarmos dos métodos dum acordo que talvez não seja possível pela razão simples [de] que um dos termos é demasiado confuso e obscuro. Sim, meus Senhores e minhas Senhoras, quando falamos de Escola todos nós entendemos; todos sabemos o que ela tem sido e muitos de nós sabemos o que ela deve ser. Há uma orientação bem marcada em todo esse gigantesco esforço da nova pedagogia para criar o longínquo, embora já visionável, edifício espiritual da Escola Nova. Mas da família, qual de nós se poderá entender sobre o que é a família? Todos nós tivemos uma experiência de família. Para alguns experiência dolorosa, para outros experiência risonha, mas para todos experiência confusa.

Eu peço a V.^{as} Ex.^{as} que não suponham que me refiro à família como instituição jurídica ou religiosa – essa é clara nos seus fundamentos – mas, como sempre sucede com o concreto humano, inexistente. Refiro[-me], meus S[enhores] e minhas S[enhoras], à família tal qual nós a conhecemos, agregado insólito de mesquinhos interesses; ambiente desprezível de luta e concorrência desleal; egoísmo selvagem que apenas pretende a transmissão integral de bens e tem como finalidade a herança maior ou menor.

Não é este o caso da maior parte das famílias? A única manifestação de amor é legação da herança, de bens, de riquezas e os bons pais e mães supõem ser esta a sua mais alta missão. Mas é, como todos nós sabemos, a maior prova de desamor. E por isso o nosso esforço para a educação moral é quase inútil, mas não é inútil. Não nos esqueçamos que estamos em luta. A Família quer de nós aquilo que nós não queremos. Por isso, sistemática e continuamente, por ação contínua, todo o nosso esforço é inutilizado num ambiente contraditório. Mais do que pretendemos um acordo cabe-nos a nós, isto é, à nova pedagogia, criar a nova família, antagonizar família e escola. Não opusemos nós a nova Escola à velha escola, por uma atitude de amor ao adolescente que sentimos capaz de tudo e muito mais capaz do que nós? Porque não substituir à Família velha a nova Família? Há muito mais razões para destruir a velha família do que a velha escola e [é] a nós, que sentimos todos os dias os nossos esforços inutilizados, que tal ação se impõe.

Então sim, será possível acordo, colaboração, cooperação com a Nova Escola e a Nova Família, produto de amor à vida na formação duma comunidade livre que respeite o valor absoluto da personalidade humana. Ambas vivendo num ambiente límpido e claro de interesses humanitários e generosos e ambas caminhando seguramente para uma sociedade melhor. Se assim não fizermos ~~cairemos na mesma ação que a Bíblia nos transmitiu de querermos em odres velhos lançar vinho novo~~³³ a nossa ação pretenderá lançar vinho novo em odres velhos. ❧

³³ - *Evangelho de Matheus* 9, 17.

[Marginália no manuscrito:]

A criança não aprende só pela inteligência [mas também] pelo
coração [e] pelos atos.

luta pela vida
propriedade.